

# STORYTELLING: CONTANDO HISTÓRIAS, APRENDENDO INGLÊS<sup>1</sup>

Hermina Oliveira Gomes<sup>2</sup>

## RESUMO

O objetivo desse artigo é discutir o uso da contação de histórias (storytelling), como forma de oferecer aos alunos mais oportunidades de exposição à LE e maior variedade de linguagem, ajudando-os no desenvolvimento de práticas discursivas da língua já que a mesma, é concebida como discurso, não como estrutura ou código a ser decifrado, constrói significados e não apenas os transmite. E é nessa perspectiva que se pretende discutir a relevância dessa prática pedagógica no contexto escolar, posto que este trabalho deriva da aplicação de um projeto de intervenção, o qual reuniu dados sobre as práticas de contação de histórias para os alunos da 5ª série.

**Palavras-chave:** Contação de Histórias – Construção de significados – Discurso

## ABSTRACT

This paper aims at discussing the use of storytelling as a way of offering the students more opportunities of exposition to English and more variety of languages, helping them to develop discursive practices, since according to the idea that language is conceived as speech, not as structure or code to be decoded, it builds up meanings and not only passes them. And in this perspective that it is intended to discuss the relevance of this pedagogical practice in the school context, although this paper originates from a project which was collect data about storytelling to the students from the 5<sup>th</sup> grade.

**Keywords:** Storytelling – Construction of meanings - Speech

## 1- INTRODUÇÃO

---

<sup>1</sup> Este artigo é parte do trabalho de conclusão do PDE (Programa de Desenvolvimento Educacional - 2008). Sob a orientação do professor João Francisco Ricardo kastner Negrão – Professor da Universidade Federal do Paraná, mestre em Tecnologia, Educação e Trabalho (CEFET-PR - 2000).

---

<sup>2</sup> Professora efetiva da Rede Pública do Estado do Paraná desde 1987. Atua como professora de Inglês no Ensino Fundamental e Médio do Colégio Estadual Emílio de Menezes. Graduada em Letras Português/Inglês pela FAFIPA – Paranaíba e especializada em Tradução técnico científica pela PUC – PR.

Este artigo tem como objeto de estudo a contação de história (storytelling), na tentativa de melhorar o processo ensino-aprendizagem da língua inglesa, já que como é sabido historicamente, o ensino da LE em geral torna-se defasado devido a todos os problemas estruturais aos quais as escolas são submetidas, como falta de material didático, salas superlotadas. O trabalho com histórias é defendido por muitos estudiosos como meio de trabalhar vários aspectos da vida da criança e também com o propósito de aprender uma língua estrangeira, no caso, o inglês. Levar os alunos a perceber que ao ouvir uma história em LE, ele tem a oportunidade de desenvolver, além dos aspectos cognitivos, emocionais, entre outros, também o aprendizado da língua de maneira contextualizada, podendo ele próprio, perceber gradualmente seu desempenho e melhora a cada história trabalhada.

Também procura demonstrar que o trabalho com as histórias vai além do que um simples trabalho de reprodução, mas um processo muito amplo que possibilita focar vários aspectos da língua, principalmente contribuir significativamente na formação de uma visão de mundo do aluno mais crítica e reflexiva no momento em que ele se posiciona dando sua opinião em determinadas situações-problemas que, frequentemente, aparecem nas histórias.

O desenvolvimento dessa proposta pedagógica aconteceu durante todo o ano letivo de 2009, no Colégio Estadual Emílio de Menezes. A proposta deste projeto consistiu em trabalhar a contação de histórias com os alunos das 5<sup>as</sup> séries, sendo trabalhada uma história por mês, perfazendo um total de sete histórias, tais como: Little Red Riding Hood (Chapeuzinho Vermelho), The Three little pigs (Os Três Porquinhos), The man, his Son and the Donkey (O Homem, Seu Filho e o Burro), The Ugly Duckling ( Patinho Feio), Jack and the Beanstalk, (João e o Pé de Feijão) e The Puss in Boots (O Gato de Botas).

Primeiramente as histórias foram contadas sem o auxílio de qualquer recurso áudio visual, para que os alunos gradativamente fossem desenvolvendo a capacidade auditiva para a língua alvo – Inglês. No segundo momento, foram feitas algumas perguntas sobre as histórias como: título, resumo da história, personagens, tempo mítico. Finalmente, as histórias eram contadas e lidas por meio de slides passados na TV-Multimídia, para uma melhor compreensão e fixação de aspectos importantes no ensino da LE e da história como um todo.

Todas as histórias foram apresentadas em vídeos gravados do “Youtube”<sup>3</sup> para uma melhor fixação do vocabulário e da percepção das diferentes versões de cada história, como também um melhor desenvolvimento da capacidade auditiva.

Foi trabalhado o vocabulário específico de cada história e o emprego deste vocabulário em contextos diferentes do da história, possibilitando a criação de sentidos para além da história contada..

As histórias foram adaptadas em forma de diálogo para que alunos ensaiassem e dramatizassem para melhorar a pronúncia e entonação e a habilidade da fala (speaking).

Depois da quarta história trabalhada foi pedido que os alunos escrevessem as histórias em português, oportunizando o desenvolvimento da escrita intercalada com o uso de vocábulos em língua inglesa.

Ao final de cada história, houve uma avaliação utilizando-se de várias atividades relativas “as histórias, entre elas questões de compreensão e interpretação de texto, estudo do vocabulário, exercícios de relação entre aspectos linguísticos e visuais, produção de textos recontando as histórias do ponto de vista dos alunos, inclusive com a possibilidade de incluir desenhos. Enfim uma ampla gama de atividades que procurou avaliar todo o processo.

Este momento, também, serviu para avaliar o projeto, percebendo se os objetivos propostos estavam sendo atingidos.

## **2- POR QUE CONTAR HISTÓRIAS?**

A expressão “era uma vez...,” é mágica, abrindo as portas para mundos onde tudo é possível e as narrativas estão presentes em vários momentos do nosso cotidiano. Contar histórias é a maneira mais comum do homem comunicar-se com seus semelhantes. Estamos sempre em contato com os outros, contando e/ou ouvindo histórias.

O gênero narrativo – história – proporciona uma gama de linguagem contextualizada, tornando possível para o aluno compreender a essência do texto,

---

<sup>3</sup> Youtube: Um Website de compartilhamento de vídeo, foi criado em 2005. É possível assistir a vídeos no próprio site ou importá-los para serem visualizados em programas de computador e/ou DVD e VCD. [WWW.youtube.com](http://WWW.youtube.com)

sem necessariamente entender cada palavra. Isso lhe dá confiança e pode ser uma experiência motivadora nas aulas de LE.

Ao contar uma história o professor pode despertar no aluno a curiosidade, estimular a imaginação e a criatividade. Ajuda também o aluno a tomar o gosto pelo aprendizado e pela aquisição da Língua Inglesa.

Esse processo de aquisição de segunda língua ocorre segundo Rod Ellis (1997) a partir da informalidade dos contatos com a outra língua, das pressões externas e internas sofridas e da atitude e jogo de imagens construídas pelo sujeito aprendiz/adquirente.

O ser humano sente necessidade quase que vital de compartilhar com os outros suas ideias. Nessa perspectiva, Andrew Wright, (1995:3), afirma que:

todos nós precisamos de histórias para nossas mentes tanto quanto precisamos de comida para nossos corpos (...). Histórias são particularmente importantes nas vidas de nossas crianças: histórias ajudam as crianças a entenderem seu mundo e a compartilhá-lo com os outros. A ânsia das crianças por histórias é constante. Sempre que elas entram na sala de aula, elas entram com necessidade de histórias.

O mundo das histórias pode possibilitar a vivência com variedades linguísticas, conforme Andrew Wright (op. cit.) declara: as histórias que confiam muito nas palavras, oferecem uma gama maior e constante de experiências linguísticas para as crianças. O autor argumenta ainda as histórias são motivadoras, ricas em experiências linguísticas e não são caras.

A 5ª série é o momento oportuno para a storytelling, já que a disposição por ouvir histórias é própria da criança, desta forma, ainda segundo Andrew Wright “as crianças tem uma constante necessidade por histórias e elas sempre estarão dispostas à ouvir ou ler, se o momento certo é escolhido”.

Para que essa prática pedagógica seja efetiva, é necessário que seja significativa no sentido de não ser atividades mecânicas e isoladas de um contexto. No que diz respeito à significação o autor relata que “as crianças ouvem com um

propósito. Se elas encontram significados elas são recompensadas através de sua habilidade de entender, e são motivadas a tentar melhorar sua habilidade de entender cada vez mais”.

Partindo do pressuposto de que a storytelling oferece variedades de linguagem, pode-se dizer que é perfeitamente possível desenvolver o aprendizado da LE nas suas variadas habilidades, como, leitura, escrita, fala e audição; além de possibilitar o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem na perspectiva do discurso e não apenas com o processo comunicativo. Sobre isso, o autor diz que a fluências dessas habilidades estão baseadas na atitude positiva e na habilidade de procurar e atribuir significados de acordo com a posição que cada um ocupa no meio social, prever e adivinhar. Ouvir e ler histórias desenvolve um senso de ser, de compartilhar e de colaborar. Aprender uma língua é inútil se não sabemos como nos comunicar – como ouvir os outros e como falar e escrever. O compartilhamento de histórias constrói este senso de consciência do outro, bem como, da existência de outros discursos perpassados em cada situação narrativa.

Além de variedades de linguagem, a storytelling oferece também, as imagens e ilustrações que agem como um suporte importante no processo de aquisição da língua: elas ajudam as crianças a adivinhar, ou seja, prever o sentido das palavras ou do contexto desconhecido, pois sabemos que os contos possuem uma estrutura gramatical simplificada, com repetições ao longo das histórias e estruturas que são próximas da forma oral, através dos diálogos e discursos diretos e indiretos. Tudo isso, ajudando no entendimento e na compreensão das crianças.

Quem já não ouviu alguns dos famosos contos infantis. Algumas dessas histórias contadas em inglês por já serem conhecidas na própria língua materna, ajudam na compreensão do contexto e na realização de deduções e inferências. Também, contribui para o reconhecimento de elementos familiares tais como a forma da história, o enredo e os tipos de personagens. Isso leva a um envolvimento maior e a uma compreensão ampla da estrutura da língua.

A aprendizagem é o resultado do processo formal através do qual a segunda língua passaria a fazer parte do repertório do estudante. Este não estaria isento dos desafios pessoais para aprender a língua.

Essa aquisição não acontece como um fator isolado, mas oferecendo ao aluno várias oportunidades de uso da língua, interferindo no seu processo de aprendizagem de forma mais eficaz, instrumentalizando - o para a obtenção de resultados em situações de interação. Neste sentido, a prática educativa deve estar atenta a estes aspectos, promovendo situações em que o aluno possa aperfeiçoar suas características positivas em favor de um resultado eficiente.

Segundo as autoras Daiane Berner Ramos e Elizabeth Penzlien Tafner, no artigo *Contribuições da Contação de Histórias nas Aulas de Inglês* (2007), os professores de Língua Inglesa se preocupam em encontrar uma alternativa metodológica diferenciada, que instigue os alunos ao aprendizado da disciplina e os motive a pensar, a criticar e a expandir seu conhecimento.

O artigo das autoras busca mostrar como o professor pode usar as narrativas em Língua Inglesa para explorar habilidades cognitivas e ampliar o vocabulário de seus alunos. Além disso, o estudo apresenta os benefícios advindos da contação de histórias, visto que, por meio das narrativas em inglês, o professor pode investigar o aluno a repensar diversos pontos de vista, inclusive sob a visão dos personagens da história.

As autoras afirmam que além de disponibilizar ao aluno um momento de descontração e lazer, durante a contação da história, pode-se propiciar a ele a ampliação de seu léxico e a expansão de seu conhecimento em diversos conteúdos estudados.

As autoras verificam que a combinação de narrativas, motivação e um planejamento feito pelo professor podem ser uma alternativa de aprendizagem para os alunos, não somente de Língua Inglesa, mas em qualquer disciplina. Apontam que é necessário verificar o nível de conhecimento que os alunos têm na disciplina e desenvolver o planejamento, levando em conta a necessidade de atividades e recursos utilizados antes e durante a contação a fim de facilitar o entendimento da mesma.

De acordo com as autoras, quando uma criança escuta uma história, certamente gerará diversas hipóteses ou confirmará outras que lhe causavam

dúvidas; enfim, a contação de histórias pode auxiliar a criança a desenvolver suas habilidades críticas e reflexivas.

Para Caligaris (2005), os contos infantis são instrumentos para o conhecimento do mundo, eles funcionam como exercícios narrativos graças aos quais a criança descobre a complexidade das relações e dos afetos e elabora estratégias possíveis de ação.

O uso da storytelling no ensino de Língua Inglesa traz as possibilidades de formação de opinião e de escolha, da construção de um olhar crítico, da capacidade de relacionar fatos e acontecimentos e, principalmente da construção da identidade.

Rajagopalan (1998, pp.41.42) diz que as identidades da língua e do indivíduo têm implicações mútuas. Isso por sua vez significa que as identidades em questão estão sempre num estado de fluxo. Sendo assim, percebe-se que a identidade só é possível quando o homem consegue ler a palavra e, por conseguinte, ler o mundo que habita.

Essa construção da identidade se baseia na construção linguística, e é por meio dela que o homem se insere socialmente e adquire consciência de sua individualidade. Segundo Cléo Busatto (2003:45),

ao contar histórias atingimos não apenas o campo prático, mas também o nível do pensamento, e, sobretudo, as dimensões do mítico-simbólico e do mistério. Assim, a autora conta histórias para formar leitores; para fazer da diversidade cultural um fato; valorizar as etnias; manter a História viva; para se sentir vivo; para encantar e sensibilizar o ouvinte; para estimular o imaginário; articular o sensível; tocar o coração; alimentar o espírito; resgatar significados para nossa existência e reativar o sagrado.

Bettelheim, apud Cléo Busatto (2003:15), afirma que:

o conto encanta, antes pelas suas “qualidades literárias – o próprio conto como uma obra de arte. O conto de fadas fosse primeiro e antes de tudo uma obra de arte. O poder regenerados dos contos de fadas que por conterem na sua estrutura elementos simbólicos, criam uma ponte com o inconsciente, integrando os conteúdos arquetípicos e propiciando à criança conforto e consolo em termos emocionais.

Sob o viés da Análise do Discurso pode-se também analisar o que está por traz da mensagem de cada história, pois sabemos que não há discurso desprovido de ideologia. Toda vez que o homem busca se comunicar, ele busca, na verdade persuadir. As escolhas das palavras para a construção do discurso, não são neutras, são permeadas por intenções, posicionamentos, convicções ideológicas e visões de mundos. Os indivíduos dialogam entre si, entrecruzam discursos que não necessariamente possuem o mesmo posicionamento. Cleudemar Alves Fernandes (2007: 21), diz que:

à produção de sentidos, dizemos que no discurso os sentidos das palavras não são fixos, não são imanentes, conforme, geralmente, atestam os dicionários. Os sentidos são produzidos face aos lugares ocupados pelos sujeitos em interlocução. Assim, uma mesma palavra pode ter diferentes sentidos em conformidade com o lugar socioideológico daqueles que a empregam.

Análise do Discurso é uma prática e um campo da lingüística e da comunicação especializado em analisar construções ideológicas presentes em um texto. A Análise do Discurso é proposta a partir da filosofia materialista que põe em questão a prática das ciências humanas e a divisão do trabalho intelectual de forma reflexiva. Todo discurso é uma construção social, não individual, e que só pode ser analisado considerando seu *contexto* histórico-social, suas condições de produção; significa ainda que o discurso reflete uma visão de mundo determinada. Cleudemar Alves Fernandes (op. cit.: 18), afirma que:

discurso, tomado como objeto da Análise do Discurso, não é língua, nem texto, nem a fala, mas que necessita de elementos linguísticos para ter uma existência material. Com isso, diz que discurso implica uma exterioridade à língua, encontra-se no social e envolve questões de natureza não estritamente linguística. O autor refere-se a aspectos sociais e ideológicos impregnados nas palavras quando elas são pronunciadas. Assim, o autor observou, em diferentes situações de nosso cotidiano, sujeitos em debate e/ou divergência, sujeitos em oposição acerca de um mesmo tema.

Orlandi (apud Cleudemar Alves Fernandes: 15) argumenta que “a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por,



de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando”. Nesse sentido, Helena Brandão (2004), declara que:

A língua é um fato social cuja existência se funda nas necessidades de comunicação. O discurso é o ponto de articulação dos processos ideológicos e dos fenômenos linguísticos. Partindo do pressuposto de que o discurso “materializa o contato entre o ideológico e o linguístico no sentido de que ele representa, no interior da língua, os efeitos das contradições ideológicas”, a análise do discurso apresenta-se como uma disciplina não acabada, em constante mudança, em que “o linguístico é o lugar, o espaço que dá materialidade, espessura a ideias, temáticas de que o homem se faz sujeito, um sujeito concreto, histórico, porta-voz de um amplo discurso social”.

### **3- AÇÕES DESENVOLVIDAS DURANTE A IMPLEMENTAÇÃO**

O processo de implementação pedagógica na escola aconteceu envolvendo várias ações que levaram à uma gama de atividades que tentou envolver os vários aspectos da contação de histórias e o processo ensino aprendizagem de LE. A seguir, serão apresentadas essas ações:

**Ação 1:** Narração de uma história por mês, começando em no mês março. Mesmo que o projeto esteja previsto para terminar em Junho, pretende-se continuar com a proposta até o final do ano. Seguem os títulos de algumas histórias já contadas:

1. Little Red Riding Hood (Chapeuzinho Vermelho);
2. The Three Little Pigs (O Três Porquinhos)
3. The Father, His Son And The Donkey (O Pai, Seu Filho E O Burro);
4. The Ugly Duckling (O Patinho Feio);
5. Jack and the Beanstalk (João e o Pé de Feijão);
6. The Puss in Boots (O Gato de Botas).

**Ação 2:** Primeiramente as história são contadas sem o auxílio de qualquer recurso áudio visual, para que os alunos gradativamente desenvolvam a capacidade

auditiva para a língua alvo – Inglês. No segundo momento, são feitas algumas perguntas sobre as histórias como: título, história, etc.

Esse tipo de atividade favorece o aprimoramento da capacidade auditiva da língua. Esse aspecto é muito favorecida na storytelling, já que os alunos ouvem as histórias só oralmente, com slides, nos vídeos com diferentes versões da mesma história. Percebeu-se que a medida que as histórias iam sendo trabalhada, os alunos conseguiam captar mais e mais palavras e expressões. Nas primeiras histórias eles conseguiam entender uma meia dúzia de palavras e ao final do projeto, eles ouviam trinta palavras ou mais.

**Ação 3:** Nessa ação, as histórias são contadas e lidas por meio de slides passados na TV-Multimídia, para uma melhor compreensão das palavras e da história como um todo. Essa ação enfatiza a leitura que é muito priorizada, pois ao ouvir a história já está sendo desenvolvido um tipo de leitura. Também, essas histórias eram apresentadas em livros, slides, vídeos, proporcionando, assim, vários momentos de leitura.

**Ação 4:** Todas as histórias apresentam pontos a serem discutidos. As discussões são feitas oralmente e os alunos são instigados a opinar, desta forma eles desenvolvem o senso crítico e a cidadania. Exemplos de discussões:

#### **História 1:**

- Quem são os lobos maus da atualidade?
- Qual seria o impacto na história se a Chapeuzinho tivesse outra cor de capuz?

#### **História 2:**

- Existem vários tipos de casa no seu bairro?
- Quais os fatores que interferem na escolha de certos tipos de moradia?

#### **História 3:**

- O que você faria se tivesse na mesma situação dos personagens da história?
- É possível agradar a todos?
- Quais as possibilidades de ação para se sair bem dessa situação?

#### **História 4:**

- O freqüente o julgamento pela aparência nos dias atuais?
- Você alguma vez já foi julgado pela aparência?
- Como você reage diante das diferenças?

#### **História 5:**

- Como seria a história vista pela perspectiva do gigante;
- Se você trocasse uma coisa de valor por outra sem valor, qual seria a reação de sua família?

#### **História 6:**

- É certo você passar por cima de tudo e de todos para atingir seus objetivos?
- Você gostaria de estar na mesma situação do ogro, ou seja, ser passado para trás.

**Ação 5:** Todas as histórias são apresentadas vídeos gravados do “Youtube” para uma melhor fixação do vocabulário e da percepção das diferentes versões de cada história. Também um melhor desenvolvimento da capacidade auditiva.

**Ação 6:** São trabalhados o vocabulário específico de cada história e o emprego deste vocabulário em diferentes contextos.

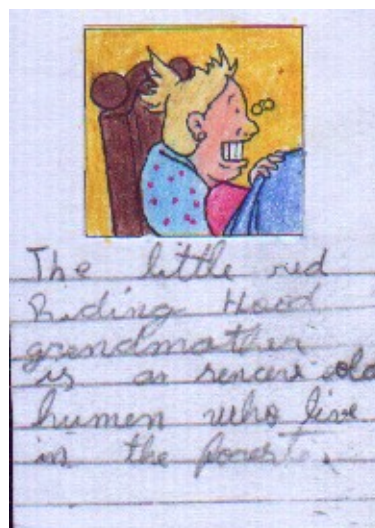
**Ação 7:** Cada história é escolhido alguns tipos de vocabulário que já fazem parte do contexto escolar para desenvolver mais especificamente e para entender melhor as outras histórias, como: cumprimentos, apresentações e despedidas, família, animais, números, etc.

**Ação 8:** As histórias são adaptadas em forma de diálogo para que alunos ensaiem e dramatizem para melhorar a pronúncia e entonação e a habilidade de speaking.

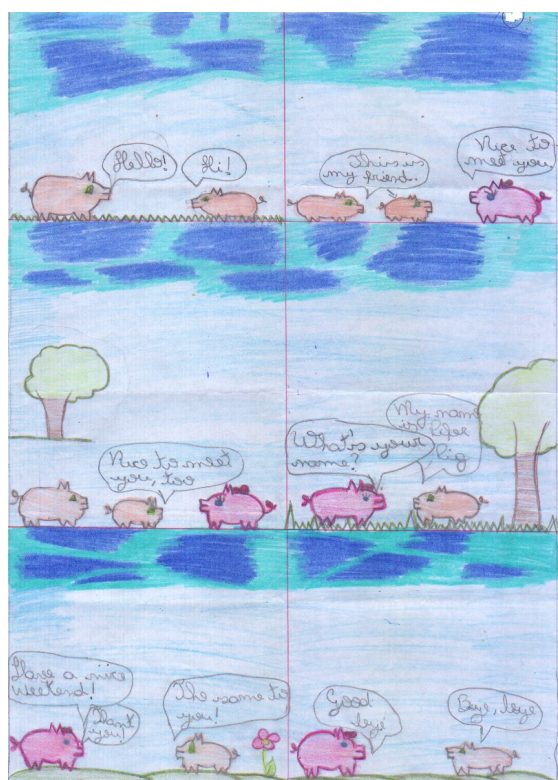
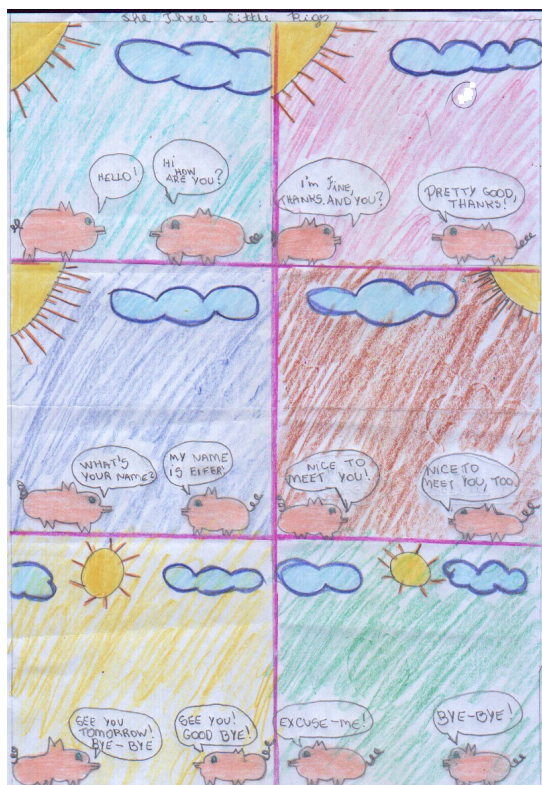
Na tentativa de trabalhar essa habilidade da língua foram apresentadas várias propostas de dramatização, onde em cada história o aluno tinha que dramatizar um trecho adaptado da história, esses momentos eram sempre muito marcantes, pois os alunos se sentiam muito motivados a participar.



**Ação 9:** Nesta ação, foi enfatizado bastante a produção escrita. Logo na primeira história foi proporcionado aos alunos a primeira oportunidade de escrita, aonde eles deveriam escrever algo sobre os personagens.

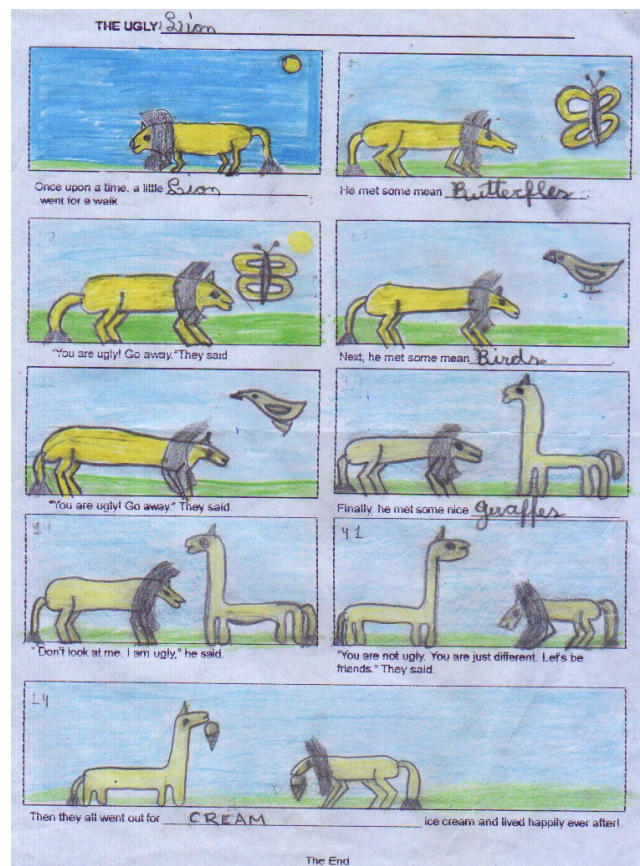
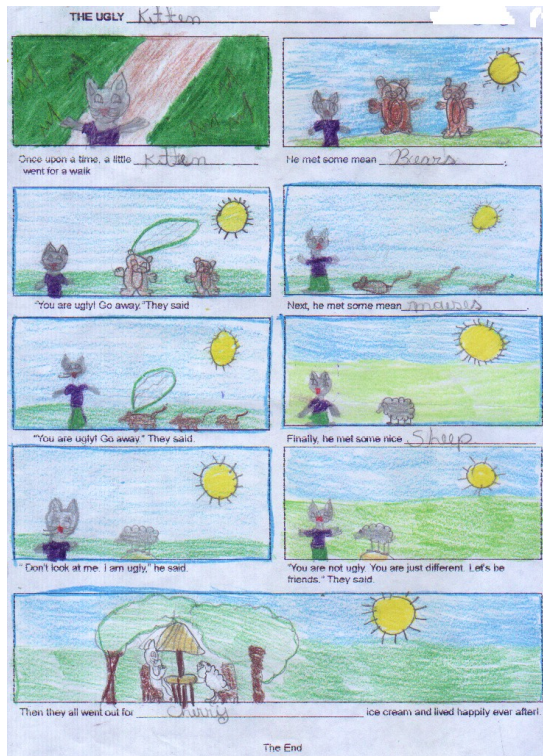


Tiveram oportunidade de usar o contexto e os personagens da história, usando outro vocabulário do cotidiano do aluno. Foi uma maneira de fixar o vocabulário e usá-lo em outra situação.





Os alunos extrapolaram o tema da história “O patinho Feio”, recontando-a e criando em um novo contexto, uma nova história.



A seguir, houve o momento de recontar a história “João e o Pé de Feijão”, como os alunos não conseguiriam recontá-las inteiramente em inglês, foi proposto contar em português, inserindo alguns vocábulos já conhecidos em inglês. O resultado foi bastante interessante, pois a maioria dos alunos conseguiu usar muitas palavras em inglês.

Jack and the  
Beanstalk

Once upon a time, one boy  
chamado Jack que viveu com  
sua mother. Os dois eram very poor  
and e que tinham no one land.  
One morning, sua mother e man  
deu a market, and lá it was  
trou one man que lhe ofereceu al  
guma beans magre um tree da  
and Jack cutou ligando im  
sua mother ficou angry com e que  
Jack havia feito a paper os beans  
pela window. No other day, a morning  
Jack abou a window e se despediu com  
one beanstalk very big, and murmur.  
It no appeared e pulou no beanstalk lá,  
havia one giant com one horse magre and  
one chicken que betou eggs de ouro. Jack  
desceu com a horse and com the  
chicken, contou para sua mãe e que  
havia acontecido and com os eggs  
de ouro they lived happily  
ever.

Jack e o foot de beans

Era one boy a boy chamado Jack. He viveu  
em com sua mother, e eles not tinham nada,  
no no cat.

A day, seu ter o que come, sua mother  
disse:

- Jack vai até a city vender minha cat  
para que possam comprar bread.

Ele caminha li encontrou a assessoria que  
dize que trouxa the cat de Jack por beans.

Um dia Jack acabou que era one big foot e peg a tree  
Quando em house, sua mother ficou angry com  
a tree que o boy havia feito. E jogou os beans  
pela window. Na manhã seguinte Jack acordou  
e viu one enorme foot de beans. E quando veio  
comer a table. Quando li viu a window com  
a door aberta, lá dentro tinha a giant, e hen and  
a horse magre. Ela saiu running para pegar a horse  
magre and the hen dos eggs de ouro. E saiu antes  
que a giant acordasse, e quando li chegou em  
house contou the foot de beans, para que the giant  
not visse a descer.

E eles viveram happy para sempre.



Neste momento, os alunos construíram um pé de feijão coletivo, escrevendo em cada folha um texto com suas informações pessoais, ou seja, suas histórias.





Nesta atividade, os alunos fizeram uma dobradura de um moinho de vento, desenharam uma cena da história O Gato de Botas e inseriram esta dobradura em no contexto da cena.



#### 4- AS CONTRIBUIÇÕES DO GTR

O GTR fez parte de uma das atividades do Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE), realizado no período de 03/11/2008 a 21/06/2009. Foi caracterizado pela interação virtual entre o professor PDE e os demais professores da Rede Pública Estadual do Paraná como parte do processo de Formação Continuada promovida pela Secretaria de Estado de Educação (SEED) /PDE.

Cada professor PDE foi tutor de um curso no GTR, conforme sua disciplina ou área, responsabilizando-se em programar seu ambiente *e-escola*, plataforma *moodle*, baseando-se em algumas orientações pedagógicas pré-estabelecidas pelo PDE e em seus planos de trabalho. O *e-escola* é o Ambiente Virtual de Aprendizagem da SEED com os seguintes recursos: Fórum, Diário e Biblioteca do Professor. No Fórum foram realizadas discussões, troca de experiências e notícias. No Diário foram registradas as atividades solicitadas pelo professor tutor e na Biblioteca ficaram armazenados os textos, artigos, vídeos e outros que serviram para a realização das atividades pedidas e o estudo dos professores, além da contribuição para o enriquecimento de suas práticas pedagógicas.

O GTR contou com a participação de professores QPM (Quadro Próprio do Magistério) do Ensino Fundamental e Médio, atuando em diferentes cidades do Estado do Paraná, com diferentes realidades, mas contando com alguns anos de experiência em sala de aula. Portanto, suas participações não serviram apenas para estudo, mas para contribuições de grande relevância.

O GTR contou com seis módulos e o primeiro teve como objetivo um primeiro Contato de socialização entre o professor tutor e os professores da rede. Todos são formados em Letras, lecionando inglês com alguns anos de sala de aula, com especialização. Portanto, professores experientes.

Na segunda unidade, iniciou-se a etapa de estudos orientados, onde o professor tutor solicitou a leitura e a análise de um texto: ***Storytelling: a importância das histórias no processo de aquisição da língua*** de Alexa Tomasinne.

A atividade proposta foi a de posicionar-se, no fórum, sobre quais seriam as possíveis facilidades e dificuldades do uso da storytelling e como essas dificuldades poderiam ser superadas. As cursistas também deveriam interagir com os colegas comentando e questionando sobre o que foi escrito.

No diário, os professores cursistas deveriam elaborar uma atividade de “pre-reading”, “while reading” e “post-reading”, conforme, um exemplo apresentado pela autora Alexa Tomasinne no seu texto.

Com a leitura desse texto, percebeu-se o interesse das professoras pelo uso da storytelling nas aulas de LE e também o início de interação com o assunto. No terceiro módulo foi postado na biblioteca o Projeto de Intervenção Pedagógica para a apreciação dos professores com o propósito de haver uma discussão no fórum sobre a clareza e objetividade da fundamentação teórica do projeto e também foi proposto apontamentos e sugestões para melhorá-lo.

Já no diário as professoras deveriam analisar o Projeto de Implementação Pedagógica, considerando cada item, como:

- Tema e título de estudo do professor PDE;
- Justificativa do tema de estudo;
- Problematização;
- Objetivos geral e específicos;
- Fundamentação teórica/Revisão Bibliográfica;
- Estratégias de ação;
- Cronograma;
- Referências.

Na quarta unidade, cada professor PDE deveria elaborar uma Produção Didático Pedagógica. Nesse caso, decidiu-se elaborar uma unidade didática como exemplo de como o projeto seria trabalhado no decorrer de 2009. Essa produção intitulada “Little Red Riding Hood”, foi postada na biblioteca da unidade 4, para apreciação, análise, sugestões e críticas das professoras.

Nesta unidade, as atividades propostas foram as seguintes:

No diário, foi sugerido que lessem a produção e analisasse-a, considerando os elementos que fundamentaram a proposta, bem como, a relevância dessa produção para o ensino de LEM, especificamente para a nossa escola pública de educação básica.

Pode-se considerar que a segunda contribuição foi entusiasmada. A professora opinou, analisou e até sugeriu uma outra atividade para a produção.

No fórum de discussão, as cursistas deveriam discutir e analisar a produção didática e trocar ideias com as colegas sobre sugestões para enriquecer a produção. Na quinta unidade, foi dado às cursistas um relatório passo a passo sobre o processo de implementação pedagógica, onde elas deveriam fazer uma reflexão e sugerissem algumas ações que considerassem importantes para o sucesso da implementação.

Na sexta unidade, houve uma avaliação com relação a todo o processo do curso GTR. Foi avaliado o sistema como um todo, o curso e a tutora.

Houve por parte das participantes contribuições em todas as etapas do curso.

Quanto à viabilidade de se usar a storytelling no contexto escolar, houve os seguintes comentários:

“Enfim, creio que os pontos positivos da implementação da storytelling seria o interesse dos alunos, porque, por ser uma forma diferente de aprender e um recurso ao qual eles não estão familiarizados, eles se interessariam muito e participariam mais das aulas, porém como dificuldade, evidencio a grande quantidade de alunos por sala de aula e a falta de recursos para as aulas de língua estrangeira nas escolas públicas.” (Comentário 01)

“Concordo que há muitas dificuldades e empecilhos no nosso contexto de atuação. Mas você não acha que o uso das storytelling sanaria alguma dessas dificuldades, principalmente a falta de recursos, mencionadas por você, já que a própria autora do texto estudado diz que “a introdução de histórias em inglês leva os alunos a uma maior variedade de linguagem e ajuda no desenvolvimento de competências linguísticas, isto porque a leitura oferece linguagem contextualizada e ajuda os alunos a compreenderem conceitos de linguagem novos ou já vistos”. O que você acha desse posicionamento da autora?” (Comentário 02)

“No caso, quando me referi aos recursos, quis dizer físicos, pois do aspecto linguístico o processo é sem dúvida muito enriquecedor, ainda mais se o professor conseguir conduzir a aula de forma a estimular a criatividade e o desenvolvimento do raciocínio e assim, conseqüentemente, várias competências podem ser trabalhadas. Porém, no caso de grande parte das escolas públicas, não há o fornecimento de material diferenciado no caso de aulas que exijam mais que a tv pendrive ou um quadro de giz, por exemplo, xerox, material para a confecção de fantasias, de cards, objetos que ajudem na compreensão das histórias, impressões de figuras ou ilustrações coloridas, etc, e o professor acaba, por muitas vezes tendo que tirar recursos pessoais para investir nisso, o que o deixa desestimulado e eu acho esse fato um grande empecilho. Eu concordo plenamente com a opinião da autora, porque sou uma grande adepta do uso da contação de histórias em sala de aula, não só para o desenvolvimento linguístico, mas também para o social e moral das crianças, entretanto, eu também acho que a parte prática não pode

ser deixada de lado, e que o governo poderia fornecer mais recursos para as aulas de língua estrangeira, que são sempre colocadas em segundo plano. A tv pendrive foi uma grande conquista, mas só ela em si ainda não é suficiente.” (Comentário 03)

“Acredito que o uso da storytelling é muito importante para o desenvolvimento das habilidades da língua inglesa, incentivando e motivando para o aprendizado da mesma. A práticas oral e auditivas serão trabalhadas de forma lúdica, estimulando para o enriquecimento do vocabulário e para tornar o aluno mais a vontade com o inglês. Assim, certas dificuldades poderão ser superadas através de acertos e erros que farão parte do ensaio de uma apresentação, por exemplo, como também no uso da imaginação.” (Comentário 04)

“Olá [...], de acordo com a realidade que eu presencio em sala de aula, creio que eu teria um pouco de problema na implementação dessa proposta, principalmente com os alunos da 5ª série, visto que eles vem muito mal preparados, pois têm pouco ou nenhum contato com a língua inglesa durante os anos iniciais de alfabetização, além do fato da falta de recursos como já comentei em meu post. Baseando-me nisso gostaria de saber se a implementação da story telling é viável no contexto que você atua e que dificuldades vc acha que poderiam surgir?” (Comentário 05)

“Oi [...], para mim a storytelling é viável, tanto na forma como comentei quanto numa maneira tradicional, principalmente tratando-se de alunos de 5ª. série. No decorrer desse ano, pude perceber que de todas as séries em que trabalhei, a 5ª foi a mais participativa. Justamente por não terem tido contato anteriormente com a língua, é que os alunos mostraram-se bastante curiosos em aprender, assim ficou mais fácil trabalhar com diversas atividades, pois aos poucos é possível moldá-los. Foi por isso que sugeri começar primeiro com textos mais curtos para depois com as histórias clássicas. E uma dica é focar bastante no vocabulário predominante na história escolhida, para iniciar essa atividade. As dificuldades que percebo é pedir uma pesquisa de história em inglês, por isso é preciso que o professor leve-a pronta e a outra é que eles achem difícil o vocabulário, mas nada que não possa ser trabalhado previamente, e claro, tentando direcionar mais na oralidade para depois partir para a escrita. Você consegue acessar o que postei como sugestão das atividades? Seria interessante se pudéssemos visualizar nossas ideias, não é mesmo?” (Comentário 06)

Sobre o projeto foi considerado pelas cursistas o seguinte:

Olá Hermina, também achei seu projeto muito bem fundamentado, claro e objetivo, além de nos mostrar a viabilidade de se realizar esse trabalho, apesar da falta de recursos nas escolas. Não tenho nada a acrescentar, pois acho que você citou em seu projeto várias formas



de trabalho bem criativas e interessantes. Eu citaria a criação de uma história em quadrinhos, porque os alunos adoram, porém entendo que isto já estava citado lá na parte que fala: "Produção de materiais referentes às histórias trabalhadas: desenhos, textos, diálogos, cartões, cartazes, etc.". A sugestão da Jaqueline eu achei muito interessante, mas também entendi que já constava em: "Recriação das histórias em português e em inglês; · Apresentação das histórias sob a perspectiva de outros olhares." Na verdade, não sei se entendi certo, mas o que pude perceber de muito proveitoso é que cada professor pode adaptar esse projeto de acordo com sua perspectiva de trabalho e a realidade em que atua. (Comentário 07)

"Após a análise do projeto apresentado, quero dizer que concordo plenamente com o que está escrito. Acredito que é isso mesmo, você está no caminho certo; pois preencheu todos os requisitos propostos, dentro do que foi sugerido e adaptando todo o necessário. Gostei e a meu ver, está de acordo com a proposta pedagógica." (Comentário 08)

"Analisando o projeto como um todo, achei que ele está muito bem fundamentado, as ideias e propostas expressas com clareza e o desenvolvimento muito bem elaborado, defendendo uma teoria criativa, inovadora e que a meu ver vai contribuir muito para o desenvolvimento do aluno enquanto aprendiz de uma segunda língua, assim como cidadão. No entanto, farei a análise por etapas, como pedido na atividade, nas linhas abaixo:

O tema e o título do objeto de estudo estão perfeitamente adequados ao que está sendo proposto e acredito que seja uma nova metodologia para o ensino de LE que, ao mesmo tempo em que propõe soluções para antigos problemas, como a desmotivação, vai de encontro com o pregar as DCEs, de uma maneira agradável e sugestiva.

A justificativa expõe claramente alguns dos problemas enfrentados pelo professores de LE diariamente, apresenta soluções viáveis e criativas e defende o uso das histórias, baseadas nas considerações de importantes autores sobre o assunto, além de argumentar de forma inteligente sobre os benefícios e as contribuições delas para o processo ensino-aprendizagem.

Os objetivos são claros, e apresenta aspectos extremamente necessários para a formação, não apenas de alunos que consigam identificar códigos em língua inglesa, mas sim, alunos que consigam participar de um processo comunicativo, de forma crítica e ativa, além de contribuir para a sua formação como cidadão transformador e participativo no contexto social no qual está inserido.

A Fundamentação Teórica / Revisão Bibliográfica deixam clara a importância das histórias e os benefícios que esse trabalho pode proporcionar, além do prazer de aprender com elas. Elas relevam o fato de utilizar estruturas textuais não apenas para retirar informações, mas também, nos mostra que podemos interagir com o

texto, com a intencionalidade das palavras, visto que, toda palavra é dotada de ideologia, devemos saber avaliar o contexto no qual elas estão inseridas para poder definir seu significado e que não devemos nos prender em palavras soltas para compreender um texto, devemos sim tentar apreender o máximo dos recursos oferecidos para que haja a compreensão do sentido geral da mensagem que nos é transmitida para que ocorra a comunicação.

Estratégias de ação / Cronogramas - Estratégias de ação muito bem desenvolvidas, dentro de um período de tempo adequado para a realização das atividades, viável em qualquer realidade escolar e com o monitoramento e acompanhamento feito de forma a permitir que o professor tenha total controle e segurança do que está fazendo através do cronograma. A avaliação, uma das etapas mais importantes, feita da forma proposta, fornecerá dados importantes para o professor ter conhecimento tanto dos acertos e sucesso do trabalho quanto corrigir os possíveis problemas que possam surgir.

As referências fundamentam o que foi apresentado de uma maneira enriquecedora e bem articulada. Os autores e obras foram muito bem escolhidos. Creio que esta pesquisa deva ter sido muito trabalhosa e exaustiva, porém o resultado foi ótimo.” (Comentário 09)

Quanto à produção didática, foram relevantes os seguintes comentários:

“Achei fantástica a proposta apresentada. Diante do que entendi na forma como temos que elaborar planejamentos baseados nas diretrizes curriculares, tenho certeza que está de acordo. As atividades estão muito bem elaboradas, claras, objetivas e principalmente com uma linguagem adequada ao público alvo, no caso aqui às quintas séries. É uma proposta motivante que desperta o interesse em conhecer mais sobre a língua inglesa e ver que é possível observar nossos conhecimentos clássicos em histórias infantis. Imagino aplicar essa proposta aos meus alunos e pelo que conheço deles, teriam bastante participação e vontade de desenvolver esse trabalho. Está de acordo com o que a Escola Pública de Educação Básica propõe.” (Comentário 10)

“Eu achei esse plano de trabalho excelente. Ele abrange várias possibilidades de trabalho totalmente viáveis para qualquer contexto ou realidade escolar, além de tornar o estudo muito mais interessante. Não tenho maiores sugestões, eu iria sugerir uma trilha sonora, porém ela foi muito bem colocada no final do projeto. Assim, o que eu posso sugerir é a caracterização dos personagens com algumas fantasias simples, que podem ser confeccionadas pelos próprios alunos, durante a interpretação do diálogo e na atividade 5.3, ao invés de apresentarmos as figuras da Chapeuzinho já pintadas com as cores diferentes, deixarmos que os alunos as pinte, determinando previamente a cor de cada figura. É só isso, no entanto, acho que o plano não precisa de modificações, está ótimo e o que eu mais gostei foi a simplicidade na elaboração e a objetividade, pude entender claramente os objetivos do trabalho e o seu desenvolvimento, no outro GTR que participei, acho que a tutora

enfeitou muito e seu plano de trabalho ficou ininteligível, com muita coisa diferente do que trabalhamos na realidade, este está o oposto, muito bom.

Tive uma ideia que pode ser interessante, após responder as questões do fórum, percebi que havia esquecido de comentar sobre as atividades de reflexão sugeridas, achei-as de fundamental importância para a construção do conhecimento crítico do aluno e adaptar as situações de seu cotidiano de forma a aprender com elas, e ainda, lembrei-me do filme "Deu a louca na Chapeuzinho", que foi uma versão engraçada da estória original, criada para recontá-la de forma a despertar novamente o interesse das crianças para o enredo, apresentado de uma nova perspectiva, mais cômica e atraente. Acredito que podemos apresentar alguns trechos deste filme para mostrar para os alunos que cada estória é como uma obra de arte inacabada, pois podemos, não apenas apresentar vários finais distintos, mas também, modificá-la de acordo com a nossa imaginação, e assim deixá-la mais dramática, engraçada, misteriosa, etc. Podemos acrescentar personagens, novos cenários e tudo o que quisermos, pois ela não é algo pronto, é apenas uma janela que podemos utilizar para visualizarmos e criarmos tudo o que desejarmos, transformando-a de acordo com nossos conhecimentos e com o que o meio que vivemos nos proporciona e esta é uma forma muito especial de encararmos e transformarmos a nossa própria realidade." (Comentário 11)

Sobre o processo de implementação, as cursistas teceram os seguintes comentários:

"Olá, após ler o seu relatório, achei "quase" tudo perfeitamente aplicável e que o tema foi trabalhado de uma maneira bem abrangente, usando aspectos semânticos e gramaticais de uma forma bem inteligente. Quando disse "quase", não é porque o esquema de trabalho apresenta falhas, ele é perfeito, mas é porque aqui na minha escola eu não teria acesso a uma filmadora para filmar o teatro e com o celular a imagem não fica legal, mas, nós poderíamos fotografar quadro a quadro e exibir a sequência no mural da escola. E também, porque meus alunos têm muita dificuldade para escrever, em português e em inglês nem se fale, infelizmente, alguns alunos ainda chegam à 5ª série sem saber escrever, e outros escrevem muito mal, além disso, eles ainda são meio "preguiçosos", por isso, eu acredito que eles tenham muita dificuldade em inglês, assim, ao invés de pedir para que eles escrevessem um texto com saudações, eu passaria um exercício para eles completarem, ou até mesmo elaborar um diálogo oralmente, eles são mais produtivos desta forma, é claro que depende da turma, algumas são muito entusiasmadas e possibilitam o trabalho com a escrita. E eu também pediria que eles inventassem uma outra história com a Chapeuzinho, com um enredo diferente, porém em quadrinhos desenhados por eles, pois eles gostam muito de desenhar e pintar. Eu seguiria o esquema de trabalho como está com a 6ª série, pois eles são um pouco mais maduros e acredito que seria muito produtivo, pois a ideia e a organização das aulas estão ótimas." (Comentário 12)



“Olá, eu achei que a implementação está bem elaborada, criativa e motivada. Há atividades para serem desenvolvidas passo a passo o que contribui para o desenvolvimento e a conclusão satisfatórios, atingindo um objetivo proposto. Muitas escolas não possuem todo o material adequado e necessário para a realização das tarefas propostas, porém o professor que está disposto a desenvolver um trabalho interessante acaba correndo atrás e conseguindo o que for preciso, ou então, substituindo por outro material. Também acho ideal que seja trabalhada essa implementação com as quintas séries somente, pois se de um modo geral, forem que nem as minhas, eles já tem condições de compreenderem melhor o vocabulário, estruturas suficientes para conseguirem escrever algo, além da questão do interesse e motivação; séries mais avançadas não terão o mesmo rendimento, pois o interesse é outro. As histórias que foram escolhidas são legais e sugiro a leitura do livro Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias - de Celso Sisto - Série práticas educativas – Editora Positivo, que pode auxiliar na forma de contar as histórias aos alunos, como escolher outros títulos, de forma que sempre surpreenda o aluno.” (Comentário 13)

A respeito da avaliação, foi ponderado o seguinte:

“Achei mais importante no curso GTR. Achei que este ano ele estava bem melhor que no ano passado, porque houve um maior comprometimento por parte da SEED e dos tutores, que pelo menos no meu caso, respondeu todas as minhas dúvidas prontamente, me disponibilizou excelentes materiais os quais eu uso e usarei nas minhas aulas, contribuiu para o enriquecimento da minha prática pedagógica com uma maneira muito mais interessante de trabalhar e com um plano de aula simples e inteligente conseguiu abranger vários aspectos do ensino de Língua Inglesa. O único ponto negativo, foi a falta da participação dos professores da rede inscritos no curso, pois a maior parte do tempo eu só pude trocar idéias com a minha tutora, pois os eles não respondiam as atividades, fazendo com que não houvesse um bate-papo e a troca de experiências. No entanto, tudo o que eu precisei eu obtive e por isso tudo eu conclui que este curso foi muito bom, muito proveitoso.

A última questão do questionário foi a pergunta se o tutor interagiu com os cursistas e o quadro de sugestões. Quanto a interação, posso afirmar que foi 100%, a tutora Hermina foi presente o tempo todo, interagiu em todas as atividades, orientando-nos sempre que necessário e participando de forma clara e objetiva. E a sugestão é que está quase tudo bem, não fosse o caso de facilitar um pouco mais as ferramentas de acesso às paginas das atividades.” (Comentário 14)

Este curso, inicialmente, foi um desafio,mas no decorrer do mesmo os resultados, as discussões e as contribuições das cursistas foram enriquecedoras para o trabalho, proporcionando um avanço em termos de curso online, já que todas, tutora e cursistas estavam na mesma realidade com o mesmo objetivo, ou seja,

melhorar e contribuir com o ensino aprendizagem da LE na escola pública do estado do Paraná.

## **5- AVALIAÇÃO DO PROJETO PELOS ALUNOS**

Foi aplicado um questionário para que 168 alunos respondessem a respeito do projeto. Os alunos estão em sua maioria, na faixa-etária entre 10 e 12 anos e alguns poucos entre 13 e 14 anos.

Na pergunta, Você gosta de estudar inglês?, a maioria absoluta respondeu que sim, pouquíssimos responderam que não e uma parte até significativa respondeu que gosta mais ou menos.

Foi perguntado se eles já estudaram inglês em séries anteriores. Dos alunos que já haviam estudado, todos responderam que aprenderam mais inglês agora com as histórias do que anteriormente.

De todas as histórias trabalhadas, foi perguntado a que eles mais gostaram e unanimemente eleita foi Puss in Boots (O Gato de Botas) e outras também muito bem votada foi Little Red Riding Hood (Chapeuzinho Vermelho), seguida da história Jack and the beanstalk (João e o Pe de Feijão),

Sobre a questão se eles iam aprendendo mais à medida que cada história ia sendo trabalhada e se eles entendiam oralmente a história, vocabulário, expressões e o contexto das histórias, melhor agora de que nas primeiras, todos sem exceção, responderam que sim.

Sobre os recursos didáticos que mais os agradaram foram os vídeos com as histórias, os slides na TV multimídia, os desenhos e as dramatizações.

O resultado do questionário foi bem favorável ao trabalho desenvolvido durante o ano letivo e pode-se concluir, portanto, que houve uma boa aceitação por parte dos alunos e que o projeto foi muito bem sucedido.

## **6- CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este artigo tentou apresentar a contribuição que a storytelling pode trazer para o ensino de LE, bem como, suas possibilidades de trabalho.

Também, buscou apresentar os resultados dessa proposta pedagógica no ensino de inglês nas 5<sup>as</sup> séries do Colégio Estadual Emílio de Menezes.

Mostrou também, alguns teóricos que estudam a storytelling como meio de trabalhar muitos aspectos da vida de uma criança, principalmente, no que diz respeito ao ensino de LE.

Houve muitas dificuldades como conciliar a carga horária com a produção de material para a aplicação do projeto e também a rotina escolar que é muito pesada, como avaliações e trabalhos para corrigir e a obrigação de conciliar a aplicação do projeto com essa rotina, diante de tudo, pode-se dizer que houve mais pontos positivos que negativos e os resultados bem gratificantes, já que os alunos produziram e usaram a língua a olhos vistos e certamente aprenderam muito mais do que por meio de um ensino tradicional e sem a menor contextualização.

Espera-se que esse trabalho venha contribuir, de alguma forma, com os professores da escola pública, possibilitando o uso da storytelling como maneira de melhorar um pouco o trabalho árduo e material escasso que tem se vivenciado no cotidiano escolar.

## 7- REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, Helena H. N. **Introdução à Análise do Discurso**. Campinas: Unicamp, 2004.
- BUSATTO, Cléo. **Contar e Encantar: Pequenos Segredos da Narrativa**. Patrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- CALLIGARIS, Contardo. **Fadas no Divã**. Folha de SP Ilustrada, 13/10/2005.
- ELLIS, Rod. **Second Language Acquisition**. New York: Oxford, 1997.
- FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do Discurso: Reflexões Introdutórias**. 2ª Ed. São Carlos: Claraluz, 2007
- GOVERNO DO ESTADO DO PARANA, SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO-SEED, **Diretrizes Curriculares de Língua Estrangeira Moderna para a Educação Básica**, Curitiba, 2008.
- KRAMSCH, Claire. **Language and Culture**. New York: Oxford, 1998.
- RAJAGOPALAN, K. **O conceito de identidade em Lingüística: é chegada a hora para uma reconsideração radical?** Tradução de A. Pisetta. In: Signorini, I. (Org.). **Língua(gem) e Identidade**. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: Fapesp. p. 21-45, 1998.
- RAMOS Daiane Berner & TAFNER Elizabeth Penzlien: **Contribuições da Contação de Histórias nas Aulas de Inglês**. Revista de Divulgação técnico-científico do ICPG. Vol. 3 N°11, 2007.
- WRIGHT, Andrew. **Storytelling with Children**. New York: Oxford, 1995.
- \_\_\_\_\_. **Creating Storytelling with Children**, New York: Oxford, 1997.
- YUNES, Eliana; OSWALD, Maria Luiza. **A Experiência da Leitura**. São Paulo: Loyola, 2003.